

# *Süüdoktoberfest*: patrimônio alimentar e construção da pomeraneidade no extremo sul do Brasil



*Evander Eloí Krone*

*Renata Menasche*

## INTRODUÇÃO

Tomando a alimentação como abordagem, procura-se, neste estudo, compreender de que forma ações de cunho patrimonial desenvolvidas no município gaúcho de São Lourenço do Sul têm sido apreendidas por atores sociais envolvidos em processos que buscam a identificação, reconhecimento e valorização da etnia, cultura e identidade de descendentes de imigrantes de origem pomerana.

Como resultado de um empreendimento privado de colonização, na segunda metade do século XIX chegou à Serra dos Tapes – região que compreende, entre outros, os municípios de Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul – um grande contingente de imigrantes oriundos da Pomerânia.<sup>1</sup> Nessa região, em 1858, eles estabeleceram um dos principais núcleos de colonização pomerana no Brasil, o que se deu posteriormente à ocupação luso-portuguesa de São Lourenço do Sul, que mais tarde, em 1938, seria elevada à condição de município. Além dos pomeranos, identificam-se entre os grupos étnicos que contribuíram no processo de colonização da região os descendentes de alemães, franceses, italianos, luso-brasileiros e afrodescendentes.

Apesar de presentes na região desde meados do século XIX, os pomeranos estiveram, durante muito tempo, à margem da sociedade local. Seu modo característico de falar, hábitos alimentares, costumes e práticas culturais foram muitas vezes tratados de modo pouco respeitoso, evidenciando que os pomeranos

---

<sup>1</sup> A Pomerânia, situada às margens do Mar Báltico, permaneceu como província do antigo império da Prússia até a instituição do estado alemão. Posteriormente, o território seria repartido entre os domínios da Polônia e da Alemanha.

permaneceram como um grupo étnico estigmatizado até que, a partir dos anos 2000, a administração pública municipal de São Lourenço do Sul passou a investir fortemente em uma política local de valorização do passado, da memória e do patrimônio cultural das famílias de origem pomerana. Como veremos na sequência, essas ações enquadram-se em um cenário nacional mais amplo, em que vêm à tona novos sujeitos de direito.

No contexto recente de valorização do patrimônio cultural, a tradição alimentar pomerana tem sido destacada como um pilar dessa herança. É assim que a *Süüdoktoberfest*,<sup>2</sup> maior festa da cultura germânica do município de São Lourenço do Sul, constituiu-se em cenário privilegiado de estudo, pois é na festa “típica”<sup>3</sup> que a alimentação é usada de forma ideológica para o acionamento e demarcação de diferenças étnicas, bem como para a produção de discursos reificados sobre a identidade e cultura pomeranas.

Assim, a comida é aqui entendida como signo de identidade, ideologicamente concebida e escolhida de modo a representar e afirmar um pertencimento (Rodrigues e Menasche, 2010). Dessa forma, tomando a *Süüdoktoberfest* como espaço de observação e a alimentação como abordagem, o presente artigo busca apreender – no contexto mais amplo de valorização do patrimônio cultural pomerano – de que forma são elaborados as ideias e discursos que remetem à afirmação de fronteiras étnicas.

Este estudo constituiu-se a partir da abordagem etnográfica, tendo como principal universo de observação a festa localmente conhecida como *Süüdoktoberfest*. A observação participante teve início em 2011, durante a realização da 24ª edição da festa, tendo seguimento na 25ª *Süüdoktoberfest*. Durante esse período, foram efetuados registros imagéticos da festa, coletadas informações e realizadas anotações em diário de campo. Assim, foi possível, durante duas edições consecutivas do evento, participar e compartilhar dos principais espaços de sociabilidade da festa, bem como interagir com visitantes, organizadores e atores locais. Posteriormente, foram acrescidas aos dados de campo entrevistas efetuadas junto a organizadores e atores locais que participam da festa.

---

<sup>2</sup> Termo cujo significado é festa de outubro do sul.

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que nem sempre os pratos e alimentos acionados como típicos e apresentados como marcadores da identidade cultural de um grupo são aqueles de uso mais cotidiano (Maciel, 2001). Woortmann (2007, p. 180) apresenta importante distinção entre comida “típica” e comida “tradicional”, ressaltando que “enquanto a primeira oculta uma perspectiva marcada pela *exotização*, portanto uma percepção de fora para dentro, a segunda constitui expressão de padrões e valores tradicionais em seus próprios termos”.

## OS USOS DO PATRIMÔNIO

Clifford (1985) aponta a categoria patrimônio como tributária de processos de colecionamento, já que todos os coletivos humanos mantiveram práticas como a posse, a classificação e o colecionamento de objetos. Presente em todas as sociedades humanas, o patrimônio é uma categoria do pensamento humano e uma das mais importantes para a organização da vida social e cultural das coletividades humanas (Gonçalves, 2009).

Contudo, o uso contemporâneo da noção de patrimônio tem lugar no contexto da formação dos estados nacionais, durante o século XVIII. Segundo Funari e Pelegrini (2009), os estados nacionais nasceram da invenção de um conjunto de pessoas que deveriam ter uma língua, uma cultura, um território e uma origem comum. Coube aos estados criar patrimônios nacionais que fossem capazes de introjetar a ilusão de uma origem comum, mesmo em territórios notavelmente marcados pela diversidade étnica e cultural.

Segundo Benedict Anderson (2008), as ideologias e políticas nacionalistas criaram verdadeiras comunidades imaginadas, ou seja, ainda que diferentes grupos e membros de uma nação não se conhecessem, eles seriam capazes de compartilhar dada imagem de pertencimento e comunhão, a partir de certos marcos referenciais. Dessa forma, o Estado tornou-se o grande inventor de tradições, criando marcos referenciais, de modo a fazer uso ideológico das tradições culturais. Segundo Prats (1998), apesar de seu caráter polissêmico, podemos entender o patrimônio cultural como fruto de uma invenção e construção social, que se refere a tudo aquilo que se considera socialmente digno de conservação. Portanto, a noção contemporânea de patrimônio se constituiu enquanto eleição de alguns referentes simbólicos capazes de ativar versões ideológicas da identidade (Prats, 1998).

Durante muito tempo, apenas bens e objetos tidos como de grande importância para a nação eram passíveis de patrimonialização. Desse modo, a transformação de um bem em patrimônio estava restrita à sua base material, já que, do ponto de vista jurídico, o patrimônio cultural pressupunha uma definição monumentalista e o Estado estava preocupado em preservar objetos, prédios e bens materiais. Cabe ainda destacar que o patrimônio era então geralmente associado a valores e produções das elites nacionais: somente o que fosse belo, exemplar e excepcional e que representasse a nacionalidade se enquadrava nas políticas de preservação do Estado (Funari e Pelegrini, 2009).

Todavia, mais recentemente, vemos surgir o interesse pelas políticas de salvaguarda no âmbito da patrimonialização de bens de natureza imaterial. Abreu (2004)

ressalta que, desde o começo dos anos 1990, documentos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) anunciavam preocupação com o desaparecimento, diante da globalização, dos chamados povos tradicionais.<sup>4</sup>

Durante muito tempo, ignorou-se qualquer papel ativo dos povos tradicionais nas políticas patrimoniais, de desenvolvimento ou de conservação de recursos naturais. Porém, desde a década de 1980, os povos tradicionais passaram a ocupar posição de destaque no debate público, como atores legítimos dotados de importantes conhecimentos sobre o meio ambiente (Cunha e Almeida, 2001 *apud* Santilli, 2005).

Segundo Alfredo Wagner (2010), os conhecimentos nativos, até então contestados, hoje estão na base do reconhecimento dos direitos dos povos tradicionais. Esse autor pontua o surgimento, nas últimas décadas, de vários movimentos sociais, como os de seringueiros, quebradeiras de coco, pescadores, quilombolas, ribeirinhos e pomeranos, entre outros, a partir da adoção de designações coletivas pelas quais se autodefinem. Desta forma, segundo Alfredo Wagner (2010, p. 184),

[...] mais do que uma estratégia de discurso tem-se o advento de categorias que se firmam através de uma existência coletiva, politizando não apenas as nomeações da vida cotidiana, mas também um certo modo de viver e suas práticas rotineiras no uso dos recursos naturais. A complexidade de elementos identitários próprios de autodenominações afirmativas de culturas e símbolos, que fazem da etnia um tipo organizacional (Barth, 1996), foi trazida para o campo das relações políticas, verificando-se uma ruptura profunda com a atitude colonialista homogeneizante, que historicamente apagou diferenças étnicas e a diversidade cultural, diluindo-as em classificações que enfatizavam a subordinação dos “nativos”, “selvagens” e ágrafos ao conhecimento erudito do colonizador.

É nesse contexto que emergem, no campo do patrimônio, os novos sujeitos de direito. Segundo Gonçalves (1996), os discursos sobre a preservação do patrimônio têm lastro em uma retórica da perda e é assim que a noção contemporânea de patrimônio foi implementada, com base em políticas que lastimam a perda de tradições e produções das elites. Desde os anos 1990 pode-se notar uma nova

---

<sup>4</sup> Ainda que o debate conceitual sobre povos e comunidades tradicionais fuja ao escopo deste trabalho, vale sublinhar o decreto presidencial nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007, que definiu povos e comunidades tradicionais como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

vertente da retórica da perda, agora associada ao medo de desaparecimento de culturas de povos tradicionais face ao processo de globalização (Abreu, 2008). Dessa forma, podemos perceber que, nas duas últimas décadas, o patrimônio passou a ser marcado por uma noção mais inclusiva e menos elitista.

Assim, temos aquilo que Abreu (2008, p. 9-10) definiu como a emergência do “outro” no campo do patrimônio, ou seja, há uma nova tendência, representada pelo “fato que diferentes populações vão cada vez mais apropriar-se do patrimônio como instrumento para suas conquistas na vida social”. Nesse sentido, a categoria patrimônio, construída no contexto da “invenção” dos estados nacionais, passa a ser progressivamente apropriada e ressemantizada por povos tradicionais. Dessa maneira, grupos que antes apareciam à margem das políticas patrimoniais passam a colocar a memória e o patrimônio de seus grupos na base de uma tomada de consciência de um passado a salvar (Ferreira e Heiden, 2009).

É nesse quadro que também saberes e práticas da alimentação de povos tradicionais passam a ser tomados como patrimônio. O ato humano de alimentar-se envolve não apenas a função nutritiva, mas também questões de fundo cultural, os alimentos “refletem uma forma de conceber o mundo e servem, por exemplo, para coesionar um grupo e diferenciar-se dos demais” (Cantarero, 2002, p. 153). Dessa forma, os alimentos são detentores de funções sociais, pois eles identificam e diferenciam e, portanto, marcam e delimitam fronteiras entre diferentes grupos sociais.

Apesar da estreita relação entre alimentação e cultura, produziu-se no período pós-segunda guerra mundial um processo massivo de industrialização e homogeneização da alimentação. Nunca na história da humanidade os alimentos estiveram tão deslocados “de seu enraizamento geográfico e das dificuldades climáticas que lhe eram tradicionalmente associadas” (Poulain, 2004, p. 29). A insegurança provocada pela perda de controle sobre os processos de produção suscitaram novas percepções de risco em relação à alimentação. Segundo Alvarez e Pinotti (*apud* Menasche, 2003, p. 192), a insegurança relacionada à alimentação industrializada provocou um movimento de revalorização de produtos locais e de resgate de variedades vegetais, animais e de receitas tradicionais.

Segundo Menasche (2013), é assim que também em relação aos saberes e práticas da alimentação se produz uma “retórica da perda”, “discursos preservacionistas ganham corpo e, também, em que são geradas, inclusive pelo mercado, as condições de ‘ressonância’ necessárias – que se realiza o uso ideológico da diversidade, que faz possível comida tornar-se patrimônio”. É nesse contexto, como mostra Menasche (2013), que a cozinha tradicional mexicana, bem como a gastronomia francesa e a dieta mediterrânea passaram a compor a lista dos bens reconhecidos como

Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco.<sup>5</sup> Como veremos a seguir, é justamente em um cenário de valorização da cultura pomerana e de uso ideológico da alimentação típica desse grupo étnico que estão assentadas algumas das ações desenvolvidas no município de São Lourenço do Sul.

## A EMERGÊNCIA DOS POMERANOS NO CAMPO LOCAL DO PATRIMÔNIO

É no quadro mais amplo de construção das políticas públicas de patrimônio e memória que estão apoiadas as ações que vêm sendo desenvolvidas no município gaúcho de São Lourenço do Sul, em que a relação entre políticas públicas, patrimônio e tradição tem tangenciado um discurso político alicerçado na valorização e positividade da cultura, identidade e patrimônio de famílias rurais de origem pomerana.

A colonização de São Lourenço do Sul remonta ao século XVIII, quando foram estabelecidas, por luso-brasileiros, as primeiras sesmarias, que dariam origem às fazendas em que se desenvolveria a pecuária extensiva e posteriormente as charqueadas. Segundo Salamoni (2001), além das presenças portuguesa e negra que ali se estabeleceram, agregaram-se ao processo de ocupação do território imigrantes de origem teuta, com a chegada, em 1858, de imigrantes provindos de territórios que mais tarde pertenceriam à Alemanha e Polônia.

Havia grupos vindos de distintas regiões da Alemanha: do norte vieram imigrantes dos territórios da Pomerânia, Holstein e Hamburgo, enquanto que outros vieram da região sudoeste, mais especificamente da região da Renânia. Contudo, predominavam os pomeranos, representando cerca de 80% do contingente de imigrantes que colonizaram São Lourenço do Sul (Vilela, 2008). Cabe ainda destacar que, em termos linguísticos, os pomeranos se distinguiam dos renanos, falando o *Pommersch*,<sup>6</sup> enquanto que os últimos tinham como língua materna o *Hunsrückisch*.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Para maiores informações e para acessar a lista completa dos bens reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial pela Unesco, ver <<http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?lg=en&cpge=00011>>.

<sup>6</sup> Segundo Tressmann (2008), o *Pommersch* ou pomerano é uma língua saxônica das terras baixas da região do Mar Báltico, já o Alemão pertence a outro grupo de línguas, descendente do Alto-Alemão (das regiões altas, montanhosas da Alemanha e da Suíça).

<sup>7</sup> O *Hunsrückisch* foi trazido pelos imigrantes, no século XIX, e introduzido em várias localidades da região sul do país (Spinassé, 2008). O *Hunsrückisch* é classificado como um idioma de imigração, proveniente de uma região montanhosa do sudoeste da Alemanha, denominada Hunsrück.

Como dito anteriormente, podemos compreender São Lourenço do Sul como um espaço marcado pela confluência de diferentes etnias, que contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da região. No entanto, as ações de caráter patrimonial que vêm sendo implementadas pelo poder público local centram-se na valorização do patrimônio cultural pomerano, associado a práticas culturais, hábitos alimentares, costumes e tradições mantidos por descendentes de imigrantes pomeranos.

Gonçalves (2008), que estudou relações interétnicas e a formação da identidade germânica na região, afirma que a identidade pomerana foi associada à servidão e à miséria em que os imigrantes viviam na Europa. Desta forma, ainda que os pomeranos constituíssem o coletivo humano predominante entre os que participaram da formação social de São Lourenço do Sul, permaneceram como um grupo étnico estigmatizado, inferiorizados inclusive diante de seus pares mais próximos, os descendentes de imigrantes renanos, que passaram a denominar-se *alemães*. Gonçalves (2008) observa que, em decorrência desse estigma, muitos pomeranos passaram a ocultar sua origem étnica, muitas vezes preferindo afirmar sua linhagem com a descendência do *alemão legítimo*.

Os pomeranos certamente não são os únicos a sofrer com processos históricos de exclusão e invisibilidade. No contexto empírico estudado, colonos de origem alemã, italiana, francesa, polonesa, entre outros, que tiveram sua vida e trabalho vinculados ao campo, também foram marcados na relação com o mundo urbano pelo estigma do camponês pobre, atrasado e relaxado. Bourdieu (2006) observa que, no contato com o mundo urbano, o camponês é comumente qualificado pejorativamente. Ao analisar um baile de uma comunidade rural francesa, Bourdieu (2006) verificou um choque cultural entre os valores do mundo rural e urbano, neste contexto os jovens camponeses eram estigmatizados em função de sua aparência e desvalorizados a partir de categorias urbanas de julgamento.

Já Rodrigues (2012), que abordou a questão da diversidade étnica presente no município de São Lourenço do Sul, chama atenção para o fato de que se, por um lado, os pomeranos possuem hoje uma grande visibilidade, por outro, grupos afrodescendentes ainda sofrem para desconstruir a invisibilidade negra existente na região. Neste sentido, lideranças negras locais têm questionado a referência do município como espaço pomerano, procurando construir um espaço de lutas contra o racismo, a exclusão e a invisibilidade social.

No entanto, em São Lourenço do Sul, atualmente a cultura e identidade pomeranas estão no centro de uma política local de valorização de suas manifestações culturais. Não obstante, cabe destacar que as ações desenvolvidas nesse município

podem ter sido, em alguma medida, influenciadas por iniciativas anteriormente realizadas no Espírito Santo, que possui a maior colônia de imigração pomerana do Brasil. Vale ressaltar que os pomeranos têm mantido um papel ativo nos principais fóruns de debate dos povos tradicionais. Desde a criação, em 2006, da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), os pomeranos do Espírito Santo têm sido representados por lideranças,<sup>8</sup> reivindicando políticas públicas que contemplem demandas específicas do grupo. Cabe ainda mencionar que vários municípios do Espírito Santo criaram leis reconhecendo o bilinguismo e tornando o pomerano, ao lado do português, língua oficial. Também no Espírito Santo, mais especificamente no município de Santa Maria do Jetibá, a prefeitura vem concedendo incentivos fiscais para construção e reforma de casas e prédios que tenham estilo germânico em suas fachadas, esquadrias e telhados, procurando, desta forma, incentivar o turismo local.

É na esteira de iniciativas como essas que podem ter sido inspiradas algumas das ações atualmente em voga em São Lourenço do Sul. Uma das primeiras ações que demarcaram, no município, a emergência e desenvolvimento de políticas de patrimônio e memória referem-se à instituição, em 2008, do Caminho Pomerano, rota rural turística que permite ao visitante conhecer ou lembrar costumes pomeranos, bem como saborear pratos e bebidas apresentados como tradicionais, como o *Maischnaps*,<sup>9</sup> o peito de ganso defumado e o café colonial. Ainda nesse quadro, observamos comemorações ritualizadas, como a encenação do desembarque dos primeiros imigrantes pomeranos,<sup>10</sup> bem como a promoção de festas étnicas, a exem-

---

<sup>8</sup> Jorge Kuster Jacob, Secretário Municipal de Cultura e Turismo do município de Vila Pavão, é o representante dos pomeranos na CNPCT.

<sup>9</sup> O *Maischnaps* é uma espécie de aguardente curtida com 32 ervas e produzida sempre durante o mês de maio. Para maiores informações ver estudo de Schneider, Menasche e Gill (2011).

<sup>10</sup> Em 2008 e 2009, na celebração respectivamente dos 150 e 151 anos de colonização alemã e pomerana no município de São Lourenço do Sul, foi realizado um grande evento festivo. À época, um grupo de cerca de 100 pessoas participou de uma encenação, que simulou o desembarque do primeiro grupo de imigrantes que chegou a São Lourenço do Sul em um barco. Na dramatização, os participantes vestiram trajes característicos da época da colonização e, após desembarcarem no porto local, seguiram em carroças até a localidade de Coxilha do Barão. Na edição de 2009, lideranças negras reivindicaram sua participação no evento, assim durante essa edição havia mulheres negras vestidas de quitadeiras à beira da lagoa e, durante o trajeto por terra, “os imigrantes ouviram sons de atabaques e cantos dos negros e negras aquilombados” (Rodrigues, 2012, p. 40).



plo da festa em comemoração à imigração<sup>11</sup> e a *Südktoberfest*, que abordaremos na sequência.

O ponto que aqui destacamos e passaremos a discutir é que, no universo empírico analisado, no processo de produção da memória pomerana e de discursos sobre o passado, os gestores públicos e atores sociais envolvidos nas ações de valorização da cultura pomerana se valem, especialmente, de discursos identitários essencialistas. Nesse sentido é que identificamos significativa preocupação com a autenticidade das manifestações culturais e, em consequência, a busca pelo que seriam traços originais da cultura pomerana. Desse modo, palavras como “típico”, “tradicional”, “puro”, “legítimo” e “autêntico” repetem-se nas falas de gestores, preocupados em reivindicar e legitimar uma memória pomerana.

Como ensina Seyferth (1994), a constituição e emergência de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil não deve ser atribuída a suposta situação de isolamento geográfico e enquistamento étnico, pois nas áreas de colonização alemã também foram assentados imigrantes de outras nacionalidades. Ainda conforme essa autora, os próprios imigrantes alemães não compunham um grupo étnico homogêneo, mas eram marcados por diferentes identidades regionais e distintas clivagens religiosas. Na formação e elaboração da identidade teuto-brasileira, foram determinantes os processos de contato com camponeses de distintas origens étnicas. Desse modo, Seyferth (1994) indica a presença de uma cultura camponesa compartilhada, afirmando a necessidade de compreender que os camponeses descendentes de imigrantes construíram suas identidades a partir das relações com os demais grupos.

Situação do mesmo tipo pode ser identificada no contexto estudado, na Serra dos Tapes. Desde o século XVIII, estabeleceram-se nesta região diversos grupos camponeses, que constituíram pequenas unidades de produção familiar policultoras. Os núcleos coloniais foram conformados por imigrantes europeus de diferentes origens, particularmente pomeranos, alemães, franceses, italianos e portugueses, além da expressiva presença de população de origem africana, trazida como mão de obra escrava e posteriormente estabelecida em quilombos, localizados em áreas rurais.

Ainda que esses grupos tenham acionado identidades étnicas diferenciadas no processo de ocupação do território da Serra dos Tapes, sempre estiveram em relação. Por conseguinte, é possível inferir que também a construção das identidades dos colonos da Serra dos Tapes tenham sido elaboradas de forma compartilhada,

---

<sup>11</sup> Festa realizada anualmente, sempre no mês de janeiro, na comunidade rural de Coxilha do Barão, em comemoração à chegada dos primeiros imigrantes teutos no município de São Lourenço do Sul.

a partir da interação entre os diferentes grupos étnicos estabelecidos na região, tal como sugerido no estudo de Seyferth (1994).

## A SÜDOKTOBERFEST

A partir de ações de cunho patrimonial, promovidas pela administração pública local, e com a valorização da anteriormente depreciada cultura pomerana, a própria *Südktoberfest* – maior festa local da cultura alemã<sup>12</sup> – passou a incorporar o novo *status* conferido aos pomeranos. No final da década de 1980, jovens integrantes do grupo de danças folclóricas alemãs *Sonnenschein*,<sup>13</sup> de São Lourenço do Sul, decidiram criar uma espécie de *Oktoberfest*<sup>14</sup> no sul do Estado, criando a *Südktoberfest*. Desde 1988, a festa é realizada anualmente, sempre no mês de outubro, com duração de três dias.

Inicialmente, a festa era realizada em um clube social, passando, a partir de sua quarta edição, a ser realizada no ginásio municipal. No entanto, dado o rápido crescimento da festa, houve a necessidade de ampliar o espaço físico do evento e, por isso, desde 2010, a *Südktoberfest* é realizada no espaço do galpão crioulo do camping municipal.

Cabe ressaltar que a *Südktoberfest* é um evento organizado por um grupo folclórico de predominância alemã e que tem por foco a valorização da cultura alemã da região. À época da criação da festa, a valorização da cultura pomerana ainda não se colocava. A partir dos anos 2000, as políticas públicas locais passaram a abordar com maior ênfase o patrimônio cultural pomerano. Neste sentido, a *Südktoberfest*, que iniciou como uma festa da cultura alemã, aos poucos passou também a incorporar elementos da até então estigmatizada etnia pomerana, como evidenciado nos trechos de depoimentos de duas participantes do grupo de dança *Sonnenschein*, reproduzidos a seguir:

---

<sup>12</sup> Segundo os organizadores, na edição de 2012 da *Südktoberfest* foram vendidos aproximadamente 12 mil ingressos.

<sup>13</sup> Segundo interlocutores, a tradução para o português do nome do grupo seria alvorecer ou nascer do sol.

<sup>14</sup> *Oktoberfest* é um festival celebrado em Munique, no estado da Baviera, sul da Alemanha, que foi disseminado por várias partes do mundo, inclusive para a região sul do Brasil. O festival é baseado na gastronomia, música, folclore e manifestações culturais de origem alemã. No Brasil, as *Oktoberfest* mais conhecidas são as de Blumenau (SC), Santa Cruz do Sul (RS) e Igrejinha (RS). Em alemão, *Oktober* significa outubro, e *Fest* significa festa, por isso a denominação *Oktoberfest*.

Luciane: Eu acho que, na verdade, ela nasceu, todo mundo falava em alemã, mas não citavam pomerano ainda, não era, não sei por que, pela cultura, por não querer dizer, que o pomerano era feio, tem gente que acha: “ah, sou pomerano, sou... né”. E isso, nos últimos anos, aqui no município foi muito trabalhado, essa coisa do pomerano. Começou os Alimentos Pomeranos<sup>15</sup>, o Caminho Pomerano, começou a surgir esse nome eu acho. E até na festa, começaram a usar o alemão-pomerano, né. Isso até uma coisa que a administração [pública] aqui usava, né, de origem alemã, e aí um tracinho pomerano, né. [...] Mas no momento que começaram a usar [a palavra pomerano], ela ficou mais vista assim, então. Até a festa incorporou junto. [...] Pelo menos desde que eu estou na organização, a gente começou a mostrar, assim, que é pomerano mesmo, não é feio, sabe. [...] Na festa acho que sim, esses últimos anos agora, antes não era dito pomerano na festa, era alemão. Tem registros assim, de poucas coisas que a gente tem, não tinha a palavra pomerana.

Elena: E o ano que eu entrei, ou um ano antes, acho que 2007, que o cartaz [da festa] era com azul e branco. E a maioria do pessoal do grupo [de dança] mesmo não sabia por que o cartaz era com azul e branco, é porque são as cores da Pomerânia.

A programação da festa envolve a realização de um jantar típico, geralmente servido na noite de sexta-feira, com o acompanhamento de apresentações do grupo de dança *Sonnenschein*. Já no sábado e domingo, além do *Sonnenschein* marcam presença também grupos de dança alemã convidados, de outros municípios. Também anima a festa a escolha das rainhas da *Südoctoberfest*, assim como a realização de bailes e jogos germânicos, tais como o *Schafskopf*.<sup>16</sup> Cabe ainda destacar as apresentações dos grupos de coral, presentes nas comunidades rurais de São Lourenço do Sul.<sup>17</sup>

Um dos pontos altos da festa é o desfile de rua, realizado na manhã de domingo, contando com grande participação da população local, que sai às ruas para assistir ao desfile das candidatas a rainha e dos grupos de dança e para ver

---

<sup>15</sup> Pomerano Alimentos é uma linha de produtos alimentícios (queijos, leite, bebida láctea, feijão) elaborados pela Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Metade Sul (Coopar), sediada no município de São Lourenço do Sul.

<sup>16</sup> O *Schafskopf* é um jogo de baralho, praticado principalmente por moradores da zona rural do município. Na Alemanha, é praticado em várias regiões, sendo muito popular na região da Baviera. *Schafskopf*, em alemão, significa “cabeça de carneiro”. Segundo Ricci (2005), é uma expressão que significa “burro”, “imbecil”, “tolo”.

<sup>17</sup> Segundo Menasche e Schmitz (2009), em estudo realizado na região do Vale do Taquari (RS), entre as associações com fins recreativos os corais tem um papel de destaque na vida social e cultural das colônias de origem alemã.

os trajes característicos e as mascotes Walter e Wilma, dois bonecos em forma de ganso que constituem a marca da festa. Carros, caminhões, tratores e mesmo bicicletas são enfeitados, geralmente com as cores da Alemanha. Durante o trajeto, também são distribuídos gratuitamente para a população chope, linguiça, cuca,<sup>18</sup> doces e outros alimentos considerados característicos da cultura alemã-pomerana.

Outro destaque da festa é o almoço de domingo, com pratos característicos da culinária alemã-pomerana, como, por exemplo, o *Eisbein*,<sup>19</sup> o *Rievelsback*,<sup>20</sup> pato assado, sopa de galinha, chucrute,<sup>21</sup> linguiça e cuca. Não obstante, ao lado do cardápio típico, podemos também encontrar na festa uma série de bancas que oferecem lanches do tipo *fast-food*, como sanduíches, pastéis, cachorros-quentes, refrigerantes, balas, doces, sorvetes e picolés.

Também é oferecida ao visitante a oportunidade de saborear, durante a tarde, o café colonial, servido em um espaço anexo ao galpão crioulo, composto de bolos, bolachas, salames, linguiças, tortas, café, chá, suco e o famoso *Spickbost*, prato que, em 1993, deu origem à mascote oficial da festa, como registrado na página oficial do evento, na internet:<sup>22</sup>

Meia década após a primeira edição sentiu-se a necessidade de eleger um mascote para a festa. É no interior de São Lourenço do Sul que se encontra um dos últimos refúgios de uma cultura extinta no local de origem, um prato típico da cultura pomerana, o “spickbost”, peito de ganso defumado, e foi por isso que o ganso ganhou o título. Posteriormente, em trabalho realizado com os alunos do município, foi escolhido o nome do mascote, que passou a se chamar “Walter” (Figura 1).

---

<sup>18</sup> Cuca é um prato característico da culinária de origem alemã, preparada a base de farinha, ovos e manteiga. A cuca tem um sabor adocicado e é elaborado com uma cobertura de açúcar e em algumas das suas variações é recheada com frutas.

<sup>19</sup> É um prato em que o principal ingrediente é o Joelho de porco preparado com temperos e comumente acompanhado de chucrute.

<sup>20</sup> É uma espécie de bolinho elaborado a base de batata, farinha de trigo e ovos. A batata é ralada de forma a ficar com uma massa bem fina, posteriormente são acrescentados os ovos e a farinha de trigo e por fim o bolinho é frito. Cabe sublinhar que, na edição de 2009, a comissão organizadora promoveu um concurso culinário de *Rievelsback*. Na época, cada concorrente teve que preparar 100 *Rievelsback* que foram servidos à comissão organizadora e aos participantes do jantar da *Südoctoberfest*. Os critérios para avaliação das receitas foram os seguintes: sabor, higiene no preparo, apresentação, ingredientes da região e receita típica pomerana.

<sup>21</sup> O chucrute é um prato elaborado a partir de uma conserva de repolho fermentado.

<sup>22</sup> Disponível em <<http://sudoktoberfest.com.br/site/content/home/>>.

Em 2012, a mascote oficial da festa passou a ter uma versão feminina. Escolhida pelo voto popular, a gansa Wilma passou a compor, juntamente com o ganso Walter, o casal ícone da festa. Assim, merece atenção o fato de que atualmente essas aves passaram a ser protagonistas da festa, fazendo-se presentes no desfile temático. Pode-se ainda destacar que, em boa medida, o cardápio considerado típico da festa é baseado no consumo de carne de ganso, sendo servido no *buffet* do almoço, vendido defumado nas bancas e apreciado também no espaço destinado ao café colonial, onde é possível consumir o peito de ganso defumado (Figura 2).

O peito de ganso defumado é comumente elaborado uma vez ao ano, quase sempre no mês de junho, período em que os animais atingem o ponto ideal de crescimento e engorda para o abate. O peito é colocado em salmoura durante dois a três dias, sendo posteriormente submetido a processo de defumação, que pode levar até duas semanas. Cabe ressaltar que praticamente tudo do ganso é aproveitado: além do peito, as coxas do animal também são defumadas, pés e miúdos são usados na elaboração de sopas, e as penas são utilizadas na confecção de travesseiros.

O tipo de animal utilizado na elaboração dessa receita possui características específicas e é nomeado pelos colonos de ganso comum, pois este se diferencia de outros tipos de ganso, como, por exemplo, o ganso-cisne, que possui bico e pescoço longos. Segundo dona Romilda, produtora de peito de ganso defumado, a ave utilizada na elaboração dessa receita tem características mais rústicas, sendo que o principal diferencial de qualidade é a produção de uma espessa capa de gordura sobre o peito do animal. O consumo desse alimento se dá geralmente acompanhando o café da manhã ou da tarde, quando é cortado de modo que as fatias tenham



Figura 1. Café colonial.  
Fonte: Acervo GEPAC, 2012 (autoria: Evander Krone)



Figura 2. Walter, uma das mascotes da Súdoktoberfest.  
Fonte: Acervo GEPAC, 2012 (autoria: Evander Krone)

sempre uma camada de gordura e outra de peito. Vários interlocutores compararam a posição ocupada pelo peito de ganso defumado àquela que o salame ou mortadela ocupam no café da manhã.

Contudo, apesar de toda a euforia em torno do ganso e, em especial, em torno do peito de ganso defumado, esse alimento não está associado à dieta alimentar da maioria das famílias rurais constituídas por descendentes de imigrantes pomeranos. Maltzahn (2010), que realizou etnografia sobre os modos de fazer do peito de ganso defumado na região, afirma que atualmente a criação de ganso é uma prática mantida por muitas famílias pomeranas, porém o animal é utilizado em outros pratos, tal como o ganso assado no forno, enquanto que a elaboração do peito de ganso defumado foi em grande medida abandonada.

Segundo o historiador Heinemann (2008), ainda na Europa os pomeranos tinham a prática de criar gansos. Assim, muito possivelmente a tradição de preparação do peito de ganso defumado chegou junto com as primeiras famílias pomeranas que aportaram em São Lourenço do Sul, em 1858. No entanto, durante a pesquisa não foram encontrados trabalhos ou indícios que apontassem as razões do quase completo abandono da elaboração do prato.

Dessa forma, apesar de ser um produto apresentado como emblemático da cultura pomerana, são raros os colonos que atualmente produzem o peito de ganso defumado. Segundo Luciane Peske, coordenadora da *Süüdoktoberfest*, a falta de oferta do produto é um grande problema para a organização da festa. Em suas palavras:

E no café colonial também, a gente procura colocar aquela linguiça, cuca, o *Spickbost*, aquele que é o peito de ganso, que só tem aqui, não sei de outra região. Esse daí a gente tá com dificuldade assim porque agora no município tem três pessoas só que fazem. Então é uma coisa que daqui um tempo vai se perder. [...] Até o próprio ganso, assim, a gente não consegue comprar muita quantidade, ninguém mais cria.

Na festa, o peito de ganso defumado é cortado em pequenas fatias e servido no café colonial, juntamente com outros alimentos, pelos quais o consumidor paga um valor fixo – R\$ 15,00, na edição de 2012 da festa – e come à vontade. Contudo, segundo Luciane, muitos visitantes da festa se queixavam de apenas terem acesso ao prato – símbolo da festa – no café colonial, sem que lhes fosse oportunizado provar o produto isoladamente. De acordo com a interlocutora, a partir da edição de 2012, uma nova receita foi inventada, o pastel de peito de ganso defumado com queijo, possibilitando que os consumidores pudessem comprar o produto nas bancas sem precisar pagar o ingresso no café colonial.

O peito de ganso defumado é um produto relativamente caro para os padrões locais de consumo, sendo vendido em algumas feiras do município pelo valor aproximado de R\$ 50,00 o quilo. De modo geral, apesar de muitas famílias rurais criarem gansos, poucas são as que se dedicam à produção de peito de ganso defumado. O produto, então, acaba por fazer parte da dieta alimentar de apenas uma pequena elite local, que tem condições de comprar o produto.

De acordo com Jairo Scholl (em comunicação oral), escritor local que realizou pesquisas sobre a colonização pomerana, o peito de ganso defumado “valia uma fortuna”, tanto na Europa como no sul do Brasil. Segundo ele, durante algum tempo o produto foi transportado em barcos, de São Lourenço do Sul até cidades que tinham “comunidades europeizadas” que demandavam o produto, como Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande. Também Thum (2009) afirma que o produto era comercializado desde a faixa litorânea de Rio Grande até o Rio de Janeiro. Desse modo, ao mesmo tempo em que não foram encontrados trabalhos que mostrassem que a produção e consumo de peito de ganso defumado eram comuns entre os colonos pomeranos, os trabalhos citados evidenciam que o peito de ganso defumado era um produto requintado, de consumo elitizado, externo à colônia.

Nesse sentido, o costume de consumir peito de ganso defumado pode ser interpretado como uma tradição inventada, entendida, tal como proposto por Hobsbawm (1997), enquanto processo criativo e legítimo. Esse historiador estudou a construção das tradições no contexto do surgimento dos estados nacionais, argumentando que muitas tradições são inventadas, sem guardar correspondência com a vida cotidiana das pessoas. Assim, certos objetos e elementos culturais podem ser apropriados, institucionalizados e ritualizados como meio de reivindicar um passado, uma memória e uma identidade a salvaguardar, já que “não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam” (Hobsbawm, 1997, p. 16).

É também preciso ter presente que a *Südktoberfest* é uma festa realizada em ambiente urbano e, apesar de baseada em uma tradição rural e alimentação camponesa, o público que ali se faz presente é eminentemente da cidade. O que ali se consome não é apenas comida, mas também uma imagem idealizada do rural, algo que Eizner (1995 *apud* Menasche, 2003) caracterizou como o consumo de *imagens dos sabores perdidos*. Assim, a eleição do peito de ganso defumado como prato símbolo da festa é construída de fora para dentro do grupo, baseada no discurso de uma “retórica da perda”, em que o prato é convertido em objeto de consumo para um público exterior, essencialmente urbano, motivado em consumir o que lhe é apresentado como singular, específico e autêntico (Krone, 2014).

Os gestores da *Süddoktoberfest* manifestam grande preocupação com a originalidade e autenticidade da festa. Assim é que as palavras típico e tradicional estão entre as mais acionadas em seus discursos. Em entrevista de cerca de uma hora de duração, realizada junto a um dos dirigentes da festa, a ocorrência das palavras típico ou tradicional foi de mais de vinte vezes. A seguir, a título de exemplo, são reproduzidos alguns trechos da entrevista:

A sexta-feira é um jantar, com comida *típica*, tudo assim, aí tem apresentação de todas as categorias do grupo de dança do *Sonnenschein* e aí a gente coloca sempre uma banda bem *tradicional* assim, que é pra ter o público. O público que frequenta sexta gosta de uma coisa assim mais *típica*.

Aí no sábado já tem os corais de tarde [...], aí uma banda bem *típica* assim, mais tarde uma mais para a gurizada. Não um show assim, não sai do *tradicional* digamos, mas é uma coisa mais, uma banda mais conhecida, mais moderna.

A preocupação com a autenticidade está também relacionada ao local onde atualmente a festa é realizada. O galpão crioulo é onde anualmente é realizado o Reponte da Canção Nativa, um dos mais importantes eventos artísticos e culturais da música gauchesca. Desse modo, o galpão crioulo, importante espaço de manifestação das tradições culturais gaúchas, é ocupado, durante o mês de outubro, para a realização da *Süddoktoberfest*.

Conforme consta no site oficial da festa, para atender às necessidades estruturais da *Süddoktoberfest*, no ano de 2010 a festa foi transferida do ginásio municipal para o galpão crioulo do camping municipal, contexto que mereceu destaque no site do evento: “*se o nome do local não combina muito*, a estrutura apropriada para receber eventos caiu como uma luva”. Vale ainda notar que, durante a edição de 2012, o narrador oficial da festa anunciava, ao microfone, em tom de brincadeira, que o galpão crioulo passaria, durante a festa, a chamar-se *galpão alemão*.

Não por acaso, parte da alimentação<sup>23</sup> oferecida na festa também passa pelo crivo e é pensada sob a perspectiva do típico e tradicional, estando aí inclusa a preocupação em obter ingredientes considerados genuínos como, por exemplo, o chope – que deve ser artesanal – ou as galinhas, que devem ser do tipo colonial, criadas por produtores da região. Nas palavras da coordenadora da *Süddoktoberfest*:

---

<sup>23</sup> Vale lembrar que em paralelo ao oferecimento de um cardápio típico, a festa também dispõe de outro cardápio para os consumidores que preferem consumir alimentos do tipo *fast-food*.



Comida típica, a gente procura colocar aquilo, como é que eu vou te dizer, tu vai me perguntar “mas de onde tu tirou que isso é típico?”. É a comida que a gente vem desde a primeira festa com ela. Tipo os primeiros que organizaram a festa foram descendentes de alemães, pomeranos, como a minha sogra e coisa, então a gente tá procurando não deixar aquilo fora.

O chope<sup>24</sup> é outra questão assim que muitas pessoas querem que a gente tire o chope. Porque o chope é uma coisa mais cara e não dá tanto lucro quanto a cerveja. Mas não é a bebida tradicional assim, como é o chope. Aí tem toda aquela história que a cerveja é pasteurizada, o chope não, então o tradicional é o chope. Então, tem toda aquela, aquele resgate assim, a gente tá conseguindo manter o chope.

A gente tem terceirizado [a alimentação] nos últimos anos porque o grupo não consegue assumir tudo. Lá nas primeiras festas eram as mães, o pessoal do grupo fazia. Aí a gente começou terceirizar. Agora nessa, desde que eu estou de coordenadora, a minha mãe tem feito, a minha mãe tem *buffet*. [...] A gente procura comprar todos daqui, de produtores daqui, mas aí é um pouquinho de cada um. [...] Mas são todos produtores daqui, acho que não tem nada de fora assim. [...] Aí uma coisa a gente até adquire assim, vamos dizer, a gente compra, vamos dizer, a galinha pra fazer a sopa, a galinha colonial, a gente vai compra aquela bem colonial, [os colonos] só faz[em] pra nós, pra ficar uma coisa mais típica.

Desta forma, podemos perceber a emergência da alimentação como importante marcador identitário: é especialmente nas festas típicas, tais como a *Südktoberfest*, que a alimentação é convertida em eixo de diferenciação étnica e de produção de discursos essencialistas sobre a identidade e cultura pomeranas.

## SOPA, MOCOTÓ E CALDO: O LUGAR DA MISTURA

A sopa de galinha, preparada à base de massa, carne e miúdos de galinha é um prato que tem presença obrigatória nas festas e casamentos das comunidades pomeranas, mas é uma comida também regularmente preparada nas casas das famílias. Conforme mostra Schneider (2013), em estudo realizado com famílias pomeranas de comunidades rurais de São Lourenço do Sul, geralmente, nas festas e casamentos, junto à sopa de galinha é servido também um caldo quente prepa-

---

<sup>24</sup> O chope servido na festa é produzido de forma artesanal por uma microcervejaria de Alvorada, município localizado na região metropolitana de Porto Alegre.

rado à base de feijão, carne de guisado, linguiça, legumes e temperos, denominado mocotó ou caldo pomerano.

Apesar de muito presente atualmente nas festas e casamentos, o mocotó é uma tradição muito recente entre os pomeranos. Cabe destacar, por exemplo, que os casais mais idosos entrevistados mencionaram que o mocotó não compôs o cardápio das suas festas de casamento, mas veio a compor posteriormente o cardápio das festas de bodas de ouro, o que mostra que a tradição de servir mocotó em festas de casamentos tem menos de meio século de existência. Desta maneira, chama atenção o fato de que, apesar de o cardápio típico da *Südoktoberfest* trazer elementos como o chope artesanal, a sopa de galinha, o *Rievelsback* e o peito de ganso defumado, o mocotó parece não ter vez na festa.

Outro prato muito apreciado localmente é o caldo lourenciano – reconhecido como “prato típico” do município através da Lei Municipal n. 2582 –, também conhecido como *motocaldo*, ou seja, uma mistura de mocotó com caldo. O caldo lourenciano possui alguma similaridade com o mocotó, apesar da diferenciação em sua composição, já que é preparado sem feijão e carne de guisado, mas com pedaços inteiros de carne com osso, de gado e ovelha. O caldo lourenciano teria origem mais remota, na região de relevo mais plano do município, na área de ocupação majoritariamente portuguesa, em que estão as grandes fazendas de criação de gado.

Assim, a receita do mocotó feito pelos pomeranos parece ter influência do caldo lourenciano, uma vez que o mocotó é uma tradição recente ou, como preferiu caracterizar um dos interlocutores da pesquisa, um “produto da modernidade”. Contudo, apesar de o mocotó constituir-se atualmente como um dos pratos emblemáticos da tradição culinária pomerana, presente em praticamente todas as festas e casamentos, ele não compõe o cardápio típico da *Südoktoberfest*. Como narra a coordenadora da festa,

Eles servem o caldo lourenciano no reponte [Festival do Reponte da Canção Nativa]. Eles servem muito caldo no reponte, mas na verdade não é uma coisa da origem da nossa colônia aqui, é da parte mais das lavouras. [...] Mas o nosso município aqui tem bem dividido assim, a parte aqui mais plana, assim do lado das lavouras [...], das fazendas. E tem a nossa, a colônia. Ele [caldo lourenciano] não é da [colônia], eles não costumam, até tem uma coisa, tem um prato assim que eles usam nas festas que eles chamam de mocotó, né? A sopa de galinha e o mocotó, né? [...] Caldo, sei lá o que, que eles chamam. Caldo e sopa de galinha, só que é uma mistura, não é nem o mocotó<sup>25</sup> que a gente costuma comer aqui, nem o caldo [lourenciano]. Na verdade

---

<sup>25</sup> Cabe comentar que, no Rio Grande do Sul, o mocotó é tradicionalmente preparado com mon-dongo (estômago bovino), contudo a receita de mocotó preparada pelos pomeranos não contém esse

é uma sopa que tem guisado, legumes, aquela salsicha, em alguns casos. Isso a gente também não serve aqui.

As palavras da interlocutora mostram que o caldo lourenciano tem suas raízes na tradição das grandes fazendas de propriedade de famílias de origem portuguesa e é assim que é apresentado como prato emblemático local, servido no Festival do Reponte da Canção Nativa – como anteriormente mencionado, voltado às manifestações tradicionais gaúchas e realizado no mesmo local em que ocorre a *Südoktoberfest*. O mocotó (aquele servido nos casamentos pomeranos) parece ser receita influenciada por essa tradição, o que evidencia as relações de contato e troca entre as culturas lusa e pomerana locais.

Recentemente, a pesquisadora Patrícia Pinheiro, em pesquisa de campo realizada também na zona rural de São Lourenço do Sul, evidenciou (em comunicação oral) a presença, entre comunidades negras, de um prato nomeado *caldo colonial*. A preparação do *caldo colonial* envolve ingredientes como feijão branco, carne desossada, linguiça, salsicha picada, repolho, cenoura, abóbora, batata, pimentão e tomate, o que indica uma receita que mescla ingredientes presentes tanto no mocotó preparado pelos pomeranos como no caldo lourenciano. Dessa forma, os três grupos étnicos predominantes no município – afrodescendentes, portugueses e teutos – possuem receitas próprias de caldo quente. Em vários aspectos, as receitas possuem elementos de similaridade, apontando para um processo que é ao mesmo tempo de compartilhamento e troca entre os distintos grupos étnicos.

Desta maneira, o mocotó produzido pelos pomeranos tem muito provavelmente sua origem nas relações de troca com a receita de origem portuguesa do caldo lourenciano, assim sendo o mocotó é um prato de origem contemporânea, é *uma mistura*, como preferiu caracterizar a coordenadora da festa, ou seja, ele não seria um prato original da cultura pomerana e como a *Südoktoberfest* é pensada, em grande medida, a partir da busca dos traços originais, autênticos da cultura pomerana, um elemento tomado de empréstimo, como o mocotó, não tem lugar na festa.

## FRONTEIRAS FLUIDAS

Podemos identificar, em discursos produzidos sobre a identidade pomerana, bem como na busca de traços considerados originais dessa cultura, a associação

---

ingrediente e é preparada com carne de guisado e linguiça.

à ideia de que haveria, entre os pomeranos, algo que lhes é inato, próprio, único e singular.

No entanto, Wagner (2010) evidencia o fato de que assumimos certos pressupostos básicos de nossa cultura como tão certos que, muitas vezes, não somos capazes de percebê-los. Assim, mascaramos algumas de nossas referências culturais para que se apresentem como sendo da ordem do inato, quando são procedimentos inventados. A partir da realização de pesquisa etnográfica entre os Daribi, na Nova Guiné, Wagner (2010) propôs uma teoria sobre a invenção de significado, afirmando que a assimilação daquilo que é considerado inato e do que é considerado como construído nos grupos humanos pode ocorrer através de dois modos de simbolização, denominados pelo autor de “convencional” e “diferenciante”.

No modo de simbolização convencional, o sujeito age influenciado por cumprir os pressupostos coletivos da convenção, tomando parte de uma imagem coletivizada de regras, moral e concepção de sociedade. Nesse modo de simbolização, as convenções são compreendidas como produto da ação humana. Já no modo de simbolização diferenciante, o ator é motivado pela individualização em relação à coletividade, pois são justamente as convenções que são dadas como inatas. Wagner (2010) afirma que o que diferencia as culturas é o destaque atribuído a um dos modos de simbolização, com o conseqüente mascaramento do procedimento oposto. O procedimento mascarado é percebido como pertencente à ordem do inato, enquanto o outro é associado à ordem da ação humana e da esfera do artificial. Desta forma, Wagner (2010) mostra que tanto o reino do inato quanto o do artificial são inventados, ambos sendo formas diferenciadas de lidar com o real. Contudo, é o procedimento de mascaramento que cria a ilusão do inato, ou seja, a ideia de que os grupos humanos possuem uma essência própria.

No contexto empírico estudado, vemos uma preocupação com a questão da autenticidade das manifestações culturais pomeranas, tema extremamente caro aos organizadores da *Süüdoktoberfest*. Neste sentido, no momento de elaboração da festa discussões sobre o que é “puro”, “autêntico” e “legitimamente” pomerano perpassam a sua organização. Nesse quadro, como procuramos demonstrar, pratos como o mocotó feito pelos pomeranos – de origem contemporânea e que são classificados como uma *mistura* de outras receitas – não são reconhecidos como autenticamente pomeranos e chegam a ficar fora do cardápio da festa. Desta forma, assertivas sobre o que é o “puro”, “legítimo”, “típico” e “autêntico” pomerano se reproduzem nos discursos e ações desses atores, estando ancoradas em ideias que afirmam a identidade desses sujeitos a partir de elementos percebidos como inatos e herdados do

passado, ressaltando o caráter atemporal e praticamente imutável de suas tradições e manifestações culturais.

A produção e demarcação de fronteiras e o acionamento de categorias que realçam a diferença entre os grupos é uma forma de apreensão do real. Nesse sentido, em alguma medida todos os grupos étnicos criam para si a ilusão de que possuem uma essência, que seria determinada pela natureza própria do grupo. Contudo, como observa Roy Wagner (2010), esse é um processo de invenção, pois criamos as ideias que remetem à noção de que há algo que é dado, único e inato à nossa constituição identitária.

No entanto, é preciso ter presente que os pomeranos construíram sua identidade de forma compartilhada, a partir das relações que mantiveram com os demais grupos de imigrantes que nesta região se estabeleceram. Desta forma, as fronteiras étnicas nunca foram tão bem definidas como o discurso desses atores procura estabelecer, mas sempre estiveram em um movimento dinâmico, em que a identidade se constrói e reconstrói constantemente, no quadro de trocas sociais (Barth, 2000).

Tampouco é possível tomar a identidade e cultura pomeranas como algo atemporal, que não muda. Sahlins (1990) afirma que a cultura é historicamente alterada e reproduzida na ação, de modo que as categorias e códigos culturais são sempre submetidos à ordem dos riscos empíricos, os significados sendo colocados em risco na ação. Desse modo, para Sahlins (1990, p. 13), a cultura é também um produto da história que se reproduz na mudança, pois a transformação de uma cultura é também um modo de reprodução e manutenção da mesma. Entretanto, Sahlins (1990) afirma que toda mudança, mesmo das categorias mais tradicionais, está também imbricada em um princípio de continuidade. Desta forma, estabilidade e mudança não são oposições excludentes, pois toda cultura preserva alguma identidade através da mudança.

Desta forma, inspirados em Sahlins (1990), poderíamos dizer que os discursos reificados sobre a cultura pomerana são postos em xeque diante da ordem dos riscos empíricos. Apesar de o discurso identitário ser acionado por atores locais como um discurso cultural substancializado, na prática a *Südoctoberfest* é marcada por fronteiras fluidas. Para sublinhar o caráter de fluidez étnica da festa, cabe trazer a observação de um dos interlocutores da pesquisa, que afirmou que hoje a *Südoctoberfest* “é uma festa alemã, com comida pomerana e realizada num galpão crioulo”.

Vale ainda mencionar que uma das dirigentes da festa, que mostra alguma dificuldade ao pronunciar palavras de origem germânica, admitiu que não é de

origem teuta, mas que é “metida a *alemoa*”.<sup>26</sup> Cabe destacar que muitos integrantes do grupo de dança *Sonnenschein* são de origem luso-brasileira e há também pessoas negras que se apresentam durante a festa, trajando vestimentas folclóricas germânicas.

A própria alimentação típica da festa, cuja produção é terceirizada, é elaborada em um restaurante do município, cuja proprietária, até ser contratada, desconhecia a elaboração de algumas das receitas. Dessa forma, receitas típicas foram ensinadas e passaram a ser elaboradas por pessoas que também não têm ascendência germânica, mas que passaram a compartilhar os valores da cultura alemã-pomerana. Assim, como a própria coordenadora da *Südktoberfest* afirma, há “coisas que a gente não consegue separar, na verdade é alemã-pomerana, é as duas coisas né. Tem comidas lá que é alemã, mas é pomerana, ela é utilizada tanto na pomerana como é das duas, né?”.

Desta forma, inspirados em Marshall Sahlins (1990), podemos afirmar que as categorias substancializadas da cultura pomerana são constantemente colocadas em jogo na ação, provocando mudanças nos códigos e categorias culturais. Desta maneira, mesmo que sejam acionados elementos e discursos que apontam para uma essencialização da cultura pomerana, na ação alemães, pomeranos, portugueses e afrodescendentes compõem o cenário de uma festa marcada por fronteiras fluidas.

Stuart Hall (1996), que estudou as noções de identidade cultural, propõe, assim como Sahlins (1990), entender que a história e a cultura são capazes de transformar e afetar a identidade cultural dos sujeitos. Para Hall (1996), a identidade cultural jamais é um produto final e acabado, mas algo em constante produção e transformação. É desta forma que mesmo pessoas sem ascendência germânica podem chegar a assumir uma identidade pomerana ou alemã, evidenciando, portanto, o caráter relacional da cultura.

É neste contexto de mudanças e de trocas sociais que as referências culturais pomeranas foram sendo ressemantizadas, pois se antes os hábitos e práticas culturais pomeranos eram estigmatizados, hoje vemos uma reinvenção do passado pomerano e sua apropriação na *Südktoberfest*.

---

<sup>26</sup> Os imigrantes pomeranos utilizam a palavra *tuca*, um termo nativo, para referir-se a negros e luso-brasileiros. Segundo Thum (2009), o termo *tuca* pode ter derivado do termo “toco de árvore queimada”, que, utilizado por esses imigrantes, passou a ser referência para identificar negros e luso-brasileiros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos inicialmente ressaltar o debate contemporâneo sobre patrimônio cultural, evidenciando o fato de que, nas últimas décadas, novos sujeitos de direito têm emergido nesse campo. Povos e comunidades tradicionais, historicamente marginalizados, estão cada vez mais se apropriando das políticas de patrimônio como instrumento para obter reconhecimento, direitos e conquistas na vida social. Dessa maneira, grupos que antes estavam colocados à margem das políticas públicas passaram a buscar salvaguardar sua memória, saberes, fazeres, práticas e manifestações culturais, como forma de obter valorização e reconhecimento de direitos.

É nesse contexto mais amplo de construção das políticas públicas de patrimônio que procuramos apresentar algumas das ações atualmente desenvolvidas em São Lourenço do Sul, onde estão em curso iniciativas alicerçadas na valorização da cultura e identidade pomeranas. É nesse quadro que os saberes e práticas da alimentação pomerana têm sido explorados com um dos pilares dessa herança cultural. Assim, é nas festas típicas, tais como a *Südoctoberfest*, que observamos o uso ideológico da alimentação, para acionamento e demarcação de diferenças étnicas, bem como para a produção de discursos reificados sobre a identidade e cultura pomeranas.

Tendo como universo empírico de observação a *Südoctoberfest*, pudemos atestar que, no processo de produção da memória e de discursos sobre o passado, os atores sociais envolvidos nas ações de valorização da cultura pomerana se valem especialmente de discursos identitários essencialistas. Isso foi evidenciado pelo fato de que há, por parte dos organizadores da festa, preocupação com a autenticidade das manifestações culturais pomeranas e, em consequência, a busca por traços considerados originais da cultura pomerana.

Entretanto, ainda que identidades étnicas diferenciadas sejam acionadas, é fato que, no processo de formação social da Serra dos Tapes, os pomeranos jamais estiveram sozinhos ou isolados, sua identidade sendo construída em relação, a partir da interação que sempre mantiveram com os distintos grupos étnicos estabelecidos na região. Não é, então, possível tomar como homogêneo e estável o que, de fato, é extremamente heterogêneo, uma vez que as fronteiras que demarcam as relações entre pomeranos, alemães, portugueses e afrodescendentes jamais foram tão delimitadas como os discursos recentes procuram estabelecer. As características culturais de um grupo são extremamente dinâmicas, encontrando-se sempre em transformação e adaptação a novos elementos e circunstâncias. Dessa forma, compreendemos que as categorias e códigos culturais não possuem fronteiras rígidas. As identidades

culturais estão sujeitas a transformações e reinvenções quando confrontadas com idiossincrasias e processos de troca e comunicação entre os grupos humanos.

Para além dos discursos reificados sobre identidade e cultura pomeranas, vimos que a *Südktoberfest* é também uma festa marcada por fronteiras fluidas. É assim que, para concluir o artigo, parafraseamos um de nossos interlocutores, que afirma que “onde se misturam as culturas, se misturam os temperos na panela”.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. *Quando o campo é o patrimônio*. Seminário: Quando o campo é o arquivo: etnografias, histórias e outras memórias. 2004. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/campo-arquivo/arq/ReginaAbreu.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. A emergência do “outro” no campo do patrimônio cultural. In: CURY, Marília Xavier; SILVA, Fabíola Andréa (Org.). *Museu, identidades e patrimônio cultural*. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, suplemento 7, p. 9-20, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTH, Fredrik. A análise da cultura nas sociedades complexas. In: TOMKE, Lask. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 26, p. 83-92, 2006.

BRASIL. *Decreto presidencial n. 6040*, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2013.

CANTARERO, Luis. Preferencias alimentarias y valores de los neorrurales: un estudio en Aineto, Ibort y Artosilla en el Serrablo Oscense. In: GRACIA, Arnaiz Mabel (Org.). *Somos lo que comemos: estudios de alimentación y cultura en España*. Barcelona: Ariel, 2002.

CLIFFORD, James. Objects and selves: an afterword. In: STOCKING, George (Org.). *Object and others: essays on museums and material culture*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1985.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi; HEIDEN, Roberto. Políticas patrimoniais e reinvenção do passado: os pomeranos de São Lourenço do Sul, Brasil. *Cuadernos de Antropologia Social*, Buenos Aires, n. 30, p. 137-154, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. *A memória na construção de identidades étnicas: um estudo sobre as relações entre “alemães” e “negros” em Canguçu*. Dissertação (Mestrado em História).



Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.

\_\_\_\_\_. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HALL, Stuart. The question of cultural identity. In: HALL, Stuart; HELD, David; HUBERT, Don; THOMPSON, Kenneth (Ed.). *Modernity: an introduction to modern societies*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

HEINEMANN, José Carlos. Bons soldados e excelentes agricultores. *IHU On-Line*, São Leopoldo, n. 271, 2008.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KRONE, Evander Eloí. *Comida, memória e patrimônio cultural: a construção da pomeranidade no extremo sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

MACIEL, Maria Eunice. Cultura e alimentação ou o que tem a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 7, 2001.

MALTZAHN, Gislaíne Maria. A transmissão do saber-fazer: o peito de ganso defumado entre famílias pomeranas na região sul do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS: as ciências sociais e os desafios para o século XXI, 2., 2010, Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPEL, 2010.

MENASCHE, Renata. *Os grãos da discórdia e o risco à mesa: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MENASCHE, Renata. Cuando la comida se convierte en patrimonio: puntualizando la discusión. In: CALDERÓN, José Luis Mingote (Coord.). *Patrimonio inmaterial, museos y sociedad*. Balances y perspectivas de futuro. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte de España, 2013.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã: trabalho e vida. In: GODÓI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (Org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*, v. I. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2004.

PRATS, Llorenç. El Concepto de Patrimonio Cultural. *Política y Sociedad*, v. 27, p. 63-76, 1998.

- RICCI, Giancarlo. *As cidades de Freud: itinerários, emblemas e horizontes de um viajante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- RODRIGUES, Carolina Vergara. *Mulheres negras em movimento: trajetórias militantes, negritude e comida no Sul do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.
- RODRIGUES, Carolina Vergara; MENASCHE, Renata. Vatapá com Quibebe: negritude e comida no Brasil meridional. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27., 2010, Belém. *Anais...* Belém: 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2010.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas. *História em Revista*, Pelotas, v. 7, p. 25-42, 2001.
- SANTILLI, Juliana. *Socioambientalismo e novos direitos: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural*. São Paulo: Peirópolis, 2005.
- SÃO LOURENÇO DO SUL. *Lei n. 2582*, de 30 de setembro de 2003. Institui o Caldo Lourenciano como “prato típico” do Município de São Lourenço do Sul. Disponível em: <[http://www.camarasaolourencodosul.rs.gov.br/arquivo/LEI\\_MUNICIPAL\\_000345.pdf](http://www.camarasaolourencodosul.rs.gov.br/arquivo/LEI_MUNICIPAL_000345.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ulbra, 1994.
- SCHNEIDER, Maurício. *Entre a agroecologia e a fomicultura: uma etnografia sobre trabalho na terra, cosmologias e pertencimentos entre camponeses pomeranos*. Monografia (Bacharelado em Antropologia). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.
- SCHNEIDER, Maurício; MENASCHE, Renata; GILL, Lorena. A trajetória de uma fitoterapeuta camponesa: notas acerca do uso de plantas medicinais entre colonos pomeranos de São Lourenço do Sul. In: Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas, 20., 2011, Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPEL, 2011.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. O Hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. *Espaço Plural*, Cascavel, v. 9, p. 117-126, 2008.
- SÜDOKTOBERFEST. *História da Südoktoberfest*. São Lourenço do Sul, s. d. Disponível em: <<http://sudoktoberfest.com.br/site/content/home/>>. Acesso em: 14 mar. 2013.
- TRESSMANN, Ismael. O pomerano: uma língua baixo-saxônia. *Educação, Cultura, Sociedade*, Santa Maria do Jetibá, v. 1, p. 10-21, 2008.
- THUM, Carmo. *Educação, história e memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

VILELA, Charles Furtado. Imigração alemã-pomerana. *CIGA-Informando*, ano 10, n. 54, 2008. Disponível em: <<http://www.cigabrasil.ch/informando/informando54.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2003.

WAGNER, Alfredo. Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. In: DELGADO, Nelson Giordano (Org.). *Brasil rural em debate*. Brasília: CONDRAF/MDA, 2010.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WOORTMANN, Ellen F. Padrões tradicionais e modernização: comida e trabalho entre camponeses teuto-brasileiros. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar à mesa: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.